

Fracasso Escolar e Diagnósticos: Entre a Subjetividade e o Pensamento Complexo



Gustavo de Oliveira Caparroz

Psicólogo, Psicopedagogo – Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Doutorando em Ciências Sociais pela UNIFESP. Psicólogo clínico e educacional – Professor Universitário, autor do livro *Transexualidade no Ensino Médio e as Vozes que Educam*, palestrante e colaborador do Conselho Regional de Psicologia – Subseção Alto Tietê

Muito se discute em relação ao fracasso escolar. Entretanto, as questões levantadas sobre a aprendizagem nem sempre traduzem a realidade, o que gera intensos debates sobre a temática. Ao adentrar o espaço educacional, muitos profissionais — professores ou psicólogos — acabam por centrar as causas do fracasso escolar nas crianças e nas famílias, isentando as instituições de qualquer responsabilidade.

Contudo, essa não é uma discussão recente. Já na década de 1990, as pesquisadoras Maria Aparecida Affonso

Moysés e Cecília Azevedo Lima Collares apontavam que muitos profissionais da educação recorriam ao fator biológico como causa primária do insucesso escolar. No cenário contemporâneo, observa-se a intensificação desse movimento com o crescimento de diagnósticos ligados a dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento, como TDAH e autismo. Nesses casos, frequentemente o aluno é colocado como o responsável direto por seu desempenho, enquanto permanecem em segundo plano as condições pedagógicas, institucionais e sociais.

Outro aspecto relevante é o uso de testes psicológicos em contextos escolares, quando aplicados de forma restrita e descolada dos processos de subjetividade de cada sujeito. A subjetividade refere-se à maneira singular pela qual cada indivíduo interpreta, sente e atribui sentido às experiências vividas, sendo atravessada por dimensões sociais, culturais, históricas e afetivas. Reduzir essa complexidade a números ou laudos é incorrer em leituras simplistas, que podem reforçar processos de exclusão ao invés de gerar possibilidades de apoio pedagógico e clínico.

Para superar tais reducionismos, é fundamental adotar o pensamento complexo de Edgar Morin, que propõe compreender a realidade de forma multidimensional. O fracasso escolar não pode ser explicado apenas por determinantes biológicos ou cognitivos isolados; é preciso considerar a interdependência entre fatores sociais, culturais, emocionais e institucionais. Sob essa ótica, o aluno deixa de ser visto como causa de seu fracasso e passa a ser reconhecido como sujeito ativo, constituído nas relações que estabelece com o mundo e com o outro.

REFERÊNCIAS

1. DIAS, Elaine Teresinha Dal Mas. Subjetividade, docência e adolescência: impactos no ato educativo. In: ALMEIDA, Cleide; PERISSÉ, Gabriel (Orgs.). Educação e linguagem: ensaios. São Paulo: USP; Porto: CEMOROC, 2008

2. MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Inteligência Ab-

straída, Crianças Silenciadas: as Avaliações de Inteligência. Psicologia USP, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 63-89, 1997.

3. MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.